



A TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO: A ARQUEOLOGIA EM ESCAVAÇÃO

THE THEORY OF DISCOURSE ANALYSIS: ARCHAEOLOGY IN EXCAVATION

Maria Aparecida Vieira de Melo
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Resumo

A especificidade reflexiva aqui empreendida faz jus à teoria da análise do discurso (TAD) presente na arqueologia do saber de Michel Foucault (2008). A finalidade deste trabalho é analisar os conceitos que permeiam a análise do discurso da corrente francesa. Para tal, prima-se pelo procedimento analítico/argumentativo sobre os desdobramentos enunciativos que subsidiam a escavação. Desta feita, buscou-se mapear e descrever alguns dos conceitos da TAD. O estudo resultou no entendimento da seguinte reflexão, ancorada em três ramificações, a saber: a) o território da arqueologia do saber; b) a análise do discurso e c) a função enunciativa. Por conseguinte, a análise arqueológica do discurso pode ser considerada uma teoria da construção do conhecimento como procedimento metodológico.

Palavras-chave: Arqueologia do saber. Análise do discurso. Função enunciativa.

Abstract

The reflexive accomplished here does justice to the theory of discourse analysis (TDA), present in the archaeology of knowledge by Michel Foucault (2008). The purpose of this work is to analyze the concepts that permeate the french line of discourse analysis. For this purpose, the analytical/argumentative procedure is based on the enunciative unfolding that subsidize the excavation. Therefore, we tried to map and to describe some of the concepts of TDA. The study resulted in the understanding of this following reflection, anchored in three branches, and namely: a) the territory of archaeology of knowledge; b) the discourse analysis and c) the enunciative function. Therefore, the archaeological analysis of discourse can be considered a theory of the construction of knowledge as a methodological procedure.

Keywords: Archaeology of knowledge. Discourse analysis. Enunciative function.



1 Introdução

Este trabalho visibiliza os dados acerca de alguns conceitos que permeiam a teoria da análise do discurso (TAD) de Michel Foucault (2008). A análise aqui empreendida parte dos estudos realizados da obra clássica de Michel Foucault, a saber: *Arqueologia do Saber* (2008), precisamente ao que concerne aos conceitos da arqueologia do saber, bem como de outras produções que vem sendo produzidas ao longo de 10 anos, sob a liderança do professor e doutor Erenildo João Carlos no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos – GEPEJA, que integra a Linha de Pesquisa Educação Popular do Programa de Pós-graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

A compreensão que se tece é sobre a arqueologia do saber, como promotora metodológica da produção do conhecimento, evidenciando que nem todo saber é conhecimento, mas que todo conhecimento é um saber elaborado.

Ao se tratar da análise do discurso, a compreensão está ancorada na relação tricotômica: significado, significante, referência. Ou seja, o ser da linguagem. A prática discursiva, formação discursiva, discurso, o sujeito, objeto, domínio e campo associado, são conceitos chaves que corroboram com o procedimento de operar metodologicamente a teoria da análise do discurso (TAD). A escavação é realizada através destes vértices que permeiam a função enunciativa da teoria da análise do discurso (TAD). Carlos (2017, p. 7) se ocupa em delimitar a compreensão da relação tricotômica, conforme:

O **significante** é sempre algo sensível, isto é, afeito ao mundo da sensação. Por isso, algo que se pode ver, ouvir, cheirar, tocar ou degustar. O **significado** é subjetivo, isto é, constituído de ideias, sentidos, convicções, valores, desejos, visões de mundo etc. compartilhados socialmente. O **referente** é aquilo que o par significante-significado representa: pensamento, pessoas, coisas, acontecimentos, situações, personagens, mitos, lendas, ilusões, crenças etc. O **referente** se faz presente, mesmo quando de fato não exista, devido a ser imaginário, ficcional ou literário. (Grifos nossos).



O ser signo, cuja função é o ser da linguagem, opera através do par significado/significante; significante/referente; referente/significado, o que ocasiona a implosão do signo, promovendo o giro arqueológico do discurso. Assim, os achados da escavação empreendida fazem emergir camadas de enunciados tanto numa perspectiva rasa, quanto profunda. Isso é o que Foucault (2008, p.46) vai chamar de

Superfícies primeiras de sua emergência: mostrar onde podem surgir, para que possam, em seguida, ser designadas e analisadas essas diferenças individuais que, segundo os graus de racionalização, os códigos conceituais e os tipos de teoria, vão receber a qualificação de doença, alienação, anomalia, demência, neurose ou psicose, degenerescência etc.

Compreende-se, que a função enunciativa é a relação funcional que se retroalimenta entre os vértices arqueológicos, denominados assim de ‘feixes de relações’, ‘nó na rede’ e ‘giro arqueológico’. Isso porque os achados que emergem da relação do ser da linguagem podem ser encontrados na superfície primeira, evidenciando assim o discurso. Para Foucault (2008, p. 53) “o discurso é algo inteiramente diferente do lugar em que vêm se depositar e se superpor, como em uma simples superfície de inscrição, objetos que teriam sido instaurados anteriormente”. Ou seja, o discurso emerge da escavação realizada nas camadas das coisas, dos objetos, dos documentos, dos arquivos, de tudo aquilo que foi deixado antes mesmo de ser constituído, como exemplo o registro das artes rupestres nas cavernas, o significante, significado e referente – elementos que na arqueologia do saber constituem o ser da linguagem, a depender da relação estabelecida entre estes elementos, os seus pares, será enunciado uma coisa e não outra. Dito de outro modo, a coisa vista pode não significar o que necessariamente está sendo visto, este movimento poderíamos denominar de ‘implosão sígnica’. Isso só poderá ser de fato evidenciado a partir dos achados encontrados nas escavações realizadas que fazem emergir um objeto e não outro.

Portanto, é esta a finalidade: assinalar o entendimento acerca destes norteadores que ancoram o território arqueológico do saber, a análise do discurso e a função enunciativa, percorrendo outros territórios, como a linguagem, o signo, os giros arqueológicos, a cultura, a empiria/materialidade, etc.



2 Escavando o entendimento acerca da linguagem

Dialogar sobre a especificidade da análise arqueológica do discurso é adentrar no universo do desconhecido. Somente após as escavações enunciar os achados, sem fazer interpretações ou impregnar sentidos subjetivos a estes, mas tão somente enunciar-los tal como foram encontrados.

O território arqueológico pode ser entendido como o lugar do primado do conhecimento que possibilitará escavações acerca do objeto investigado, afim de que seja compreendido e apreendido este objeto e como ele se relaciona no *locus* de sua existência, sendo, portanto, enunciado através da linguagem enquanto campo complexo. Ou seja, uma linguagem arqueológica elucidativa do saber apreendido, achado e/ou escavado por meio do domínio utilizado.

O que é a AAD? É entendido aqui por Análise Arqueológica do Discurso (AAD) como um componente enunciativo, que nos faz lembrar o domínio científico da Arqueologia, como Ciência, que se ocupa do estudo de vestígios materiais passados e presentes (ALCÂNTARA e CARLOS, 2013). Significa dizer que é um procedimento metodológico de pesquisa operado metodologicamente como os arqueólogos fazem, escavam, para poder assim enunciar as coisas advindas da escavação, sendo assim enunciadas, evidenciadas, mostradas, sinalizadas. Para tal, destaca-se a linguagem como preponderante para tal função enunciativa. Já, para Foucault (2008, p. 134) “a análise do discurso está colocada, na maior parte do tempo, sob o duplo signo da totalidade e da pletora”. Ou seja, totalidade numa perspectiva da exegese do saber e pletora em seus campos associados, domínios diversos sem um fim determinado em si mesmo.

Neste sentido, salientam Alcântara e Carlos (2013, p. 65) que:

de um lado, metaforicamente falando, a linguagem se configura como o terreno sobre o qual se debruça qualquer analista do discurso, de outro, o enunciado é o segmento da zona discursiva da linguagem que caracteriza o lugar específico do interesse da análise arqueológica do discurso.



Compreende-se, portanto, que o lugar da escavação é apresentado através da linguagem. A linguagem como promotora do discurso não é um ato de fala, não é a palavra dita, não é a língua falada, a linguagem é o território do discurso. Deste modo, o discurso precisa da linguagem para ser analisado, tal como Foucault (2008, p. 191), assim enuncia:

O discurso, pelo menos tal como é analisado pela arqueologia, isto é, no nível de sua positividade, não é uma consciência que vem alojar seu projeto na forma externa da linguagem; não é uma língua, com um sujeito para falá-la. É uma prática que tem suas formas próprias de encadeamento e de sucessão.

Desta feita, o discurso tem a linguagem como suporte de seu enunciado, não é a língua, não é o ato de fala, assim o discurso transcende o que a língua pode apropriar, permeando o seu encadeamento e sucessão de acontecimentos.

Alcântara e Carlos (2013, p. 62) esclarecem que a arqueologia se dá em campos diversos. Como significados, significantes e referências, esta tríade deve ser perpassada pelo signo, pois eles afirmam que “a análise do discurso, na perspectiva da AAD, parte do pressuposto de que o terreno de sua escavação é a linguagem, seja ela escrita (textual), falada (oral) ou imagética (visual)”. Sendo a linguagem um campo complexo de possibilidades de enunciação. Desse modo, a pesquisa científica de natureza arqueológica pode para além dos documentos, escavar os feixes de relações, o nó na rede que permeiam o artefato cultural, ao emergir no território arqueológico do conhecimento, divulgado socialmente entre os falantes. Para Foucault (2008, p. 182) “[...] a descrição da linguagem desempenha, durante a época clássica, um papel dominante, na medida em que ela é a teoria dos signos de instituição que desdobram, marcam e representam a própria representação): estabelecer as correlações arqueológicas”. Pode-se assim dizer que a linguagem tem a função de estabelecer as correlações que são realizadas no ato da análise do discurso.

Ao que concerne ao campo da linguagem, Carlos e Alcântara (2017, p. 50) tratam sobre o discurso na perspectiva foucaultiana, ao enunciarem conforme o estudo empreendido

Foucault constatou que saber e discurso estão implicados no ponto de que seria inevitável dizer que o saber que se tem sobre alguma coisa depende, sobretudo, do



discurso existente, em que as palavras e as coisas são posicionadas em função do jogo interposto pela ordem discursiva vigente.

Em sendo assim, os autores mencionam o entendimento sobre a linguagem como ser complexo social particular, constituído e constituinte da cultura, também é produto da atividade criativa e inventiva dos homens (CARLOS e ALCÂNTARA, 2017). Daí depreende-se que a linguagem não pode ser dissociada da cultura, de tal modo que a cultura determina a linguagem, pois não existe uma linguagem dada na natureza que não seja socialmente utilizada pela diversidade cultural para enunciar os diversos saberes que se faz uso da linguagem culturalmente utilizada.

Por conseguinte, Carlos (2017) vai explicar a natureza da linguagem enunciando três aspectos que melhor definem como que se estrutura a especificidade da linguagem “sua natureza, sua composição e função”. É muito criteriosa esta especificidade, pois há um desdobramento tricotômico¹ no que diz respeito a estes três aspectos, os quais permeiam o complexo cultural que circunda o uso da linguagem. É importante mencionar que estes múltiplos saberes estão inseridos dentro de uma cultura, assim Carlos enuncia o seu entendimento, sobre:

A cultura é, de um lado, a objetivação da criação das condições de existência da própria humanidade do ser humano, que se faz homem ao fazer cultura; de outro, que a cultura é um complexo social, que guarda e mantém relativa diferença, distanciamento e autonomia em relação à natureza, no que tange ao seu modo de existir, à sua organização e ao seu funcionamento, e que não existe sem ela (2017, p. 4).

A criação das coisas é cultural e o complexo social são advindos da feitura do homem em sua ontologia existencial, pois mediante suas faculdades cognitivas é capaz de criar, bem como de complexificar o seu feito, mediante a evolução da sua própria existência e

¹ Para melhor compreensão, indico a leitura completa da produção CARLOS, Erenildo João. Sobre o uso pedagógico da imagem fílmica na escola. ETD: EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL, v. 2, p. 546-565, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8645247>. Acesso em: 20 de jun. 2018. Nesta produção, Carlos minuciosamente explica o desdobramento triádico que permeia a significação quanto a natureza – ser signo; quanto a composição o signo é tricotômico (significante, significado e referente) e a função é triádica (indicial, icônica e simbólica). Significações tríplicas que legitimam a tese da linguagem ser um complexo cultural.



concomitantemente da evolução da sua inteligência a partir do usufruto do capital cultural, que passa a ser ampliado por meio das experiências, das vivências e dos acontecimentos, advindos de oportunidades itinerantes do existir humano. Neste sentido, acrescenta Carlos, ainda sobre a concepção de cultura, pois a cultura:

É a expressão da subjetividade ontológica humana, objetivada mediante a transformação da natureza em função das necessidades biológicas e existenciais do indivíduo, do grupo e da espécie humana, a cultura visual, em particular, é a expressão da capacidade humana de reinventar e transformar a própria cultura produzida, de gerar, em seu próprio seio, saltos qualitativos na produção da existência, não somente dos artefatos associados à reprodução da vida, como também dos artefatos culturais visuais vinculados à comunicação, que se tornaram cada vez mais ricos de possibilidades intersubjetivas, estéticas, simbólicas e epistêmicas (CARLOS, 2017, p. 4).

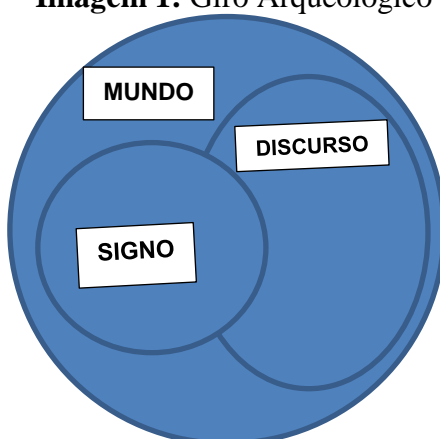
Portanto, a cultura é transcendente e transitiva entre o particular e o coletivo, ampliando-se significativamente no campo coletivo por intermédio da interação, troca, integração, recriação, socialização, experiencição, comunicação, conexão e divulgação de tudo que é criado e recriado culturalmente pelo homem plural e para os homens e mulheres que estão no mundo e com o mundo, numa constante interação social, cultural, econômica, ecológica, política e epistêmica.

Por conseguinte, há uma complexidade que subjaz a relação intrínseca ente saber e discurso, que acontece no campo da cultura, uma vez que o discurso enuncia o saber e, o saber legitima o discurso enunciado.

Nesta perspectiva enunciativa, destaca-se o giro arqueológico - imagem 1 - que tem por função promover o jogo interposto pela ordem discursiva a ser enunciada, ou seja, a virada do acontecimento, como educação do campo e não mais educação rural.



Imagem 1: Giro Arqueológico



Fonte: Produzida pela autora

Deste modo, compreende-se que a ordem discursiva vigente tende a corroborar com a sistematização do saber, como uma forma de conhecimento elaborado, este, imprescindível à linguagem enunciativa, configurando o que (CARLOS e ALCÂNTARA, 2017) denominam de giro arqueológico, pois compreendem que nisto consiste o giro arqueológico: “parte-se da escrita do mundo, passa-se pelo signo como o ser da linguagem e alcança-se o nível próprio da existência do discurso, como prática produtiva do saber, dos significados e das representações que eles carregam” (CARLOS e ALCÂNTARA, 2017, p. 51). Dito de outro modo, a linguagem possibilita a enunciação do giro arqueológico que deve ser vivenciado na arte da pesquisa realizada, inclusive como possibilidade de acontecimentos, a depender do objeto enunciado diante da escavação realizada em múltiplos territórios culturais, isto é, a mudança que acontece mediante o movimento social organizado que luta por seus direitos que antes estavam sendo negligenciados.

Nesta perspectiva, Foucault (2008, p. 177) enuncia sobre a finalidade do estudo arqueológico numa dimensão múltipla de acontecimentos que permeiam o giro arqueológico, qual seja “o estudo arqueológico está sempre no plural: ele se exerce em uma multiplicidade de registros; percorre interstícios e desvios; tem seu domínio no espaço em



que as unidades se justapõem, se separam, fixam suas arestas, se enfrentam, desenhando entre si espaços em branco”. Tal como sugeriu a imagem 1 supracitada. É entendido por acontecimento arqueológico a “emergência de uma formulação ou ao aparecimento de uma palavra nova” (FOUCAULT, 2008, p. 191).

Nesta perspectiva, o giro arqueológico é proporcionador da tricotomia “escrita, signo e saber”. Desta feita, o saber é erigido através do ser da linguagem, que por meio da escrita impregna significantes, significados e referências ao que emerge da escavação arqueológica acerca do objeto em evidência, o seu acontecimento, enunciando-a por meio dos significados e referências que permeiam a prática discursiva, ou ainda, a depender da relação que é estabelecida entre os pares significado/significante, significado/referente, significante/significado, significante/referente, referente/significante, referente/significado, referente/referente. Desse modo, se constitui a ‘implosão do signo’, ‘campo associado’, ‘feixe de relações’, ‘nó na rede’, ‘camadas da linguagem’.

É importante salientar que no giro arqueológico (CARLOS e ALCÂNTARA, 2017) fazem sentido a tricotomia “experiência-saber-narrativa”. Significa, portanto, que todo saber é produzido pela experiência, ou seja, pelo o que o sujeito vivenciou, ou ainda, ou pelo que foi vivenciado por outros sujeitos, isto é, a experiência do pesquisador e dos pesquisados. A experiência arqueológica é a materialidade do acontecimento enunciativo.

Assim sendo, por meio da narrativa ou memória discursiva, é que se constitui o discurso, o anúncio e fala, comunica a si e para si, produzindo assim, o saber ou a ressignificação do saber experienciado tanto por si (pesquisador) quanto pelos outros (pesquisados), os saberes experienciados que emergem como acontecimentos passam a ser escavados e enunciados os seus achados.

Desse modo, a experiência/empíria/materialidade se constitui em sua singularidade, partindo de um acontecimento individual, como um acidente de carro e um acontecimento coletivo, como o I ENERA – Encontro Nacional de Educação e Reforma Agrária em 1997, ambos acontecimentos permeiam a mudança no percurso existencial do movimento de vir a



ser, fica assim a marca, a emergência do novo que emerge em meio a novas possibilidades do viver. Vale ressaltar, que a depender do interesse investigativo sobre o objeto escavado, os seus enunciados são explicitados de um modo e não de outro. Todavia, a produção do saber é definida pelo discurso impregnado no signo da palavra e das coisas, isto é, a materialização da experiência eternizada na palavra escrita e enunciada.

Assim, o discurso vai se configurando por meio da complexidade cultural existente. Desta feita, o discurso terá realmente por tarefa dizer o que é, mas não será nada mais que o que ele diz (FOUCAULT, 2008). Compreende-se que nesse campo a enunciação ‘saber e discurso’ são indissociáveis, como já fora supracitado, só há discurso porque há um saber empreendido, transformado arqueologicamente pela escavação, afim de materializar o conhecimento.

Desta maneira, as coisas que se dizem sobre algo, em uma narrativa qualquer, requerem que o que seja comunicado tenha sido vivido, seja pelo narrador, seja por outros (CARLOS e ALCANTARA, 2017). Significa que a matéria de toda pesquisa é a vivência e a experiência das palavras e das coisas que mobilizam a escavação pela arqueologia, ou seja, o acontecimento discursivo, mas cabe elucidar que não é o saber da experiência e vivência em si mesmos e sim o que deve emergir após escavado da experiência e vivência, é somente o saber, por assim dizer a emergência do acontecimento.

Carlos e Alcântara enunciam algo bastante elucidativo acerca da indissociabilidade entre saber e discurso, pois o saber é aprendido e construído, bem como a vivência efetiva dos acontecimentos, seriam dois aspectos de um mesmo circuito gnosiológico, no qual a vivência seria o fundamento do saber (2017, p. 5). Assim, o discurso enuncia um saber que é experiencial/vivencial, isto é a materialidade do discurso. Neste sentido, enunciam Carlos e Alcântara sobre a narrativa do vivido, pois aparece entrelaçada ao saber de experiência porque aquela exerceria a função estratégica de disseminação do saber (2017, p. 6). A experiência dissemina o saber, reforçando a sua materialidade empírica. Assim, as noções de realidade, de experiência e de vivência funcionam como princípios orientadores do pensar



crítico imerso na imediatividade do mundo e nas situações-problema cotidianas (CARLOS e ALCÂNTARA, 2017).

Ao que concerne ao pensar crítico, Carlos e Alcântara (2017, p.17) se propõem a nos fazer refletir sobre o:

Pensar crítico-reflexivo no campo da produção do saber elaborado sobre a realidade, os referidos pressupostos desencadeiam o exame criterioso e cuidadoso de questões de natureza teórica ou prática, fundamentado em referências teórico-metodológicas que estejam mais afeitas ao horizonte de luta e de engajamento dos educadores, dos militantes e dos pesquisadores populares.

O papel do pesquisador arqueológico é evidenciar a produção do conhecimento que corrobora com o pensar crítico-reflexivo necessários a luta e ao engajamento dos pesquisadores que primam por descrever pressupostos enunciativos da produção do conhecimento. Arqueologicamente enunciando seria o que Foucault (2000) denomina de campo associado, promovendo assim as várias escavações empreendidas acerca da produção do conhecimento.

3 Entendendo o território arqueológico

A especificidade do território da arqueologia do saber é permear o desdobramento epistêmico do saber, pois este é muito complexo no sentido de ser muitos saberes existentes através da existência humana e no ato da escavação para operar rupturas, afim de legitimar um dado conhecimento, o qual emerge do território escavado, ou seja, a necessidade de evidenciar, descrever, mapear um saber e não outro.

Para tal procedimento analítico, a pesquisa é permeada pelo signo da linguagem. Para Carlos (2017, p. 7), “o ser-signo é ser um vazio, que tende ontologicamente ao preenchimento, à ocupação, mas que não aceita sua condição de ser vazio, ou seja, que, contraditoriamente, pede a presença de algo: a presença do ausente”. Dito de outro modo, a presença do ausente é a função indicial, icônica e simbólica. Tal como Carlos (2017) explica:

O **índice** é algo que nos faz lembrar outra coisa por ser parte da coisa lembrada, isto é, o signo-índice representa a coisa, efetivamente, por uma de suas partes, fragmentos, aspectos, componentes, dimensões, traços, qualidades etc. É, portanto, em função de um de seus constituintes que a coisa é lembrada em sua



ausência. O **ícone** é, precisamente, uma representação visual da coisa ausente. O signo-ícone é, nesse sentido, uma espécie de imagem de uma coisa em particular. Lembra-se da coisa ausente, e não, de outra, por meio da singularidade de sua imagem. O **símbolo**, por sua vez, é uma representação convencional, firmada entre os interlocutores que abordam certos assuntos, ou que codifica as regras de entendimento e comunicação aceitas em determinadas formações sociais. Nota-se que o signo-símbolo serve para fazer lembrar aquilo que socialmente foi estabelecido como tal (p. 8, grifos nossos).

Esta função triádica de representação possibilita que o ser-signo não fique no vazio, pois tal como foi esclarecido por Carlos o ser-signo se faz presente ao ganhar existência no âmbito do complexo social da linguagem.

A arqueologia do saber extrai do saber o conhecimento refinado, o qual é produzido triadicamente e enunciado através do ser complexo da linguagem, bem como pela relação singular existente no ato de escavar o saber, para assim se produzir o conhecimento.

Desta feita, torna-se pertinente compreender a função do enunciado. O qual transita pela conexão que é estabelecida através da tricotomia: significante, significado e referente. Para Foucault,

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade (FOUCAULT, 2008, p. 103).

Ou seja, é a materialidade do ser da linguagem que faz o enunciado, por causa das condições existenciais das coisas. Significa dizer que não se deve inventar coisas, mas tão somente expor o que emerge do jogo do enunciado. Mergulhar nesta perspectiva é compreender a função que subjaz o enunciado, tal como o valor que está contido no enunciado. Deste modo, ressalta Foucault (2008), é no interior de uma relação enunciativa determinada e bem estabilizada que a relação de uma frase com seu sentido pode ser assinalada. Dito com outras palavras, o enunciado é a conexão existente da relação enunciativa. Neste sentido, é expresso por Foucault (2008, p. 102) o seguinte, “Por mais que uma frase não seja significante, ela se relaciona a alguma coisa, na medida em que é um enunciado”. Portanto, é preciso um ouvido atento, um olhar direcionado para extrair a



essência da palavra dita, da coisa observada e analisada para que possa ser analisada, descrita, mapeada e explicitada no movimento da a teoria da análise do discurso (TAD).

4 Entendendo a função enunciativa: ser *complexus*

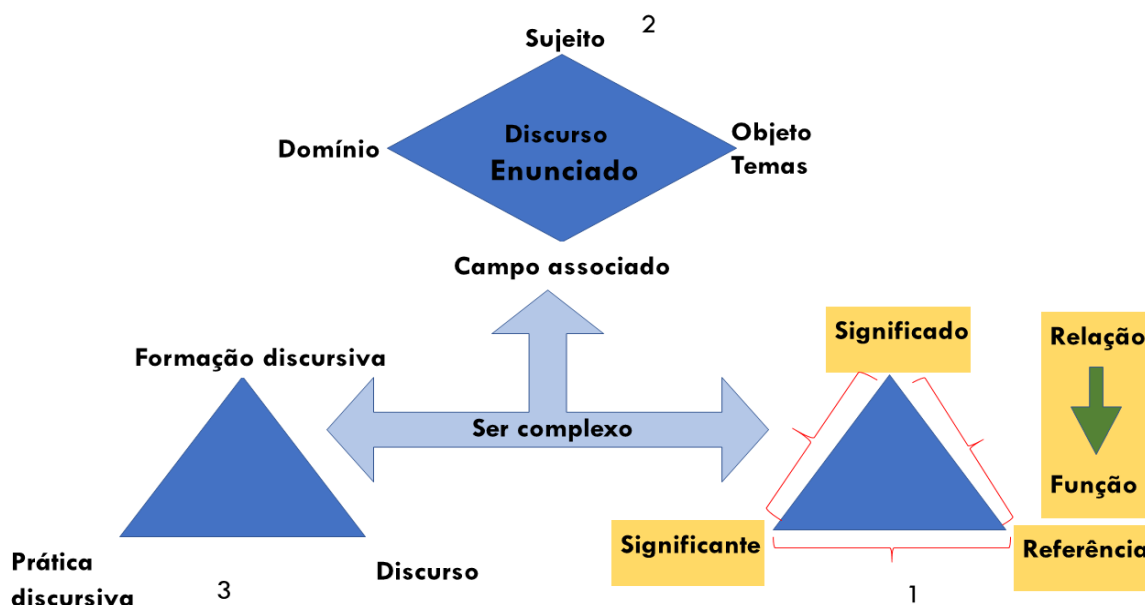
A compreensão que emerge no campo arqueológico do enunciado é a função que exerce por meio da relação que se estabelece. Parece que a relação funcional é o que emerge do enunciado. No campo arqueológico, o enunciado é a própria função relacional que existe nos acontecimentos da vida, no cotidiano das experiências, nas palavras ditas, nas coisas existentes, nos vértices que se soltam sem ganhar tanta centralidade, mas que ocupam um lugar, um espaço, uma função. O enunciado é a unidade dos discursos pronunciados pelos múltiplos sujeitos que são singulares na forma de operar a análise do discurso.

Assim sendo, o discurso não segue uma ordem, não é linear, ao contrário está solto a depender do vértice que dá sentido à função do enunciado, pois o discurso é descontínuo, fluído, líquido e impreciso, pode ocorrer fora do percurso linear das palavras, assim como os acontecimentos existenciais, alguns planejados, outros imprevistos, e outros ainda, fatalistas, o discurso mesmo sendo mediado por um domínio de saber, o seu acontecimento emerge na implosão do signo, portanto, jamais faz jus a linearidade dos acontecimentos, daí o giro arqueológico.

É importante salientar que o veio do enunciado antecede ao enunciador, daí é importante compreender que o enunciado não é uma propriedade privada, pois este se realiza por todos os sujeitos que são sujeitos do acontecimento. Para compreender melhor a função do enunciado, deve-se observar a imagem 2:



Imagem 2: Função Enunciativa



Fonte: Produzida pela autora

Retoma-se a relação funcional que é estabelecida na perspectiva tricotômica: significado, significante e referência (1) - o qual já fora enunciado o sentido arqueológico existente nesta tricotomia.

É importante ressaltar que há uma relação por meio da retroalimentação existente, sobretudo nos pares, ou seja, a relação de mediação existente entre o significante/significado, a centralidade está na referência; quando a centralidade está na referência se opera a relação de mediação nos pares significante/significado; quando a centralidade está no significante, está solto, a relação de mediação está mais livre e não se opera nem com o significado e nem com a referência, uma vez que o que emerge está no campo da análise do discurso. Este movimento que parece ser redundante, se faz necessário para reforçar o entendimento sobre o giro arqueológico que acontece mediante a implosão do signo, a depender da relação dos



vértices estabelecidos entre os elementos do ser da linguagem: significante, significado e referente.

Quando se trata da função relacional ainda se faz necessário compreender que a ordem do discurso ocorre através de um sujeito (2) – domínio, objeto e campo associado, permeando o discurso/enunciado, qual seja, o que opera é preciso ser dito. O dito, é dito acerca de alguma coisa existente, algum acontecimento, tema, objeto. Como já foi pronunciado, o enunciado não pertence a um único sujeito, e, também, o sujeito que fala, diz, comunica, pode ocupar funções outras no ato do seu anúncio, daí o sujeito exerce uma função tríadica: função sujeito, função autor ou sujeito enunciator. Salienta-se que esta função tríadica ocupada pelo sujeito vai depender do domínio que se fará jus para enunciar o objeto, o acontecimento, o tema, ou seja, o uso do domínio, o domínio opera as relações que são complexas e se complexificam por meio do campo associado. Denominado de “nó na rede,” “feixe de relações”, as ramificações, as conexões, as ligações, as imbricações, as penetrações existentes e contidas no mesmo objeto, no mesmo tema, na mesma função enunciativa e no mesmo acontecimento se encontram no campo associado e nos domínios do saber, ou melhor, enunciando nas diversas camadas da linguagem.

Sabendo que a função enunciativa permeia o campo associado, sendo este, o conjunto de possibilidades que se articulam para formar o enunciado. Deste modo, explica Foucault sobre o enunciado:

Desde a sua raiz, se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e *status*, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual. Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja (logo) não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistência, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis (FOUCAULT, 2008, pp. 111-112).

O campo associado (2), tal como a terminologia ‘associado’ sugere, é: conexão, ligação, soma, associação de elementos, tal como o conjunto, onde A está contido em B, B



pertence a C. Isto é, não se pode tratar da fome, apenas por um fenômeno – subnutrição, mas deve-se levar em consideração vários fatores, como o regional, o social, o econômico, o cultural, etc. Ou seja, o artefato cultural, já trabalhado anteriormente: a fome, na perspectiva do estudo arqueológico se exerce em uma multiplicidade de registros (FOUCAULT, 2000), dito de outro modo, não pode se estudar a fome sem fazer jus a multiplicidade de registros existentes sobre. Significa dizer que não se deve se prender a causa e efeito apenas, é preciso escavar outros horizontes de possibilidades que circundam a fome, enquanto consequência.

Pensemos sobre a fome de uma pessoa que é anorexia, a fome de uma pessoa que tem gastrite, a fome de uma pessoa quem tem azia e a fome de quem realmente não tem o que comer, e ainda, a fome por se fazer greve de fome. Vários são os motivos que acarretam a fome, isto é, não se pode tratar de um tema, objeto, acontecimento isoladamente, sem fazer o “nó na rede”, ou melhor, sem considerar os ‘feixes de relações’ existentes que permeiam o enunciado, o qual se materializa pela sua existência, seu objeto, o enunciado, sua função enunciativa, isto é o seu campo associado, tudo a depender de um domínio que não deve ser tratado isolado de outros diferentes domínios, tal como Foucault (2008, p. 214) chama “processos de práticas históricas, sendo o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma dada época, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível de regularidades discursivas” isto é, a episteme que permeia o campo associado.

A função enunciativa é operada a partir da formação discursiva (3), a qual tem a ver com o sujeito enunciador. Deste modo, a formação discursiva é que vai dar origem a um dado objeto, porquanto será ela que irá reunir o conjunto de enunciados para formá-lo. Foucault explica melhor, quando afirma sobre:

[...] uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar. (FOUCAULT, 2008, pp. 49-50).



Percebe-se que a formação discursiva remete ao “nó na rede”, ou seja, aquilo que emerge do campo associado, as várias possibilidades que circundam o mesmo objeto, as relações e conexões, as penetrações existentes como o nó para ser feito deve uma rede atravessar a outra, cruzar, se manter fixo, bem forte e apertado para que a rede se torne rede, é preciso a penetração sólida entre as redes que se entrelaçam e tornam-se apenas uma. Isso também acontece com a arte, acontece com a literatura, acontece com uma música, acontece com um mosaico, acontece com os seres de relações, também poderia se afirmar que o movimento que acontece neste ‘nó na rede’ é o que configura o campo complexo.

Salienta-se que, ainda no entendimento da formação discursiva está implicada a prática discursiva (3), a qual tem por finalidade ser um conjunto de regras que permeiam o enunciado do discurso. Acredita-se que a prática discursiva está associada ao *modus operandi* que circunda a formação discursiva que procura ser a unidade do discurso, tal como é explicado por Foucault (2008, p. 52), ao enunciar o seguinte:

Havíamos procurado a unidade do discurso junto aos próprios objetos, à sua distribuição, ao jogo de suas diferenças, de sua proximidade ou de seu afastamento - em resumo, junto ao que é dado ao sujeito falante -, e fomos mandados de volta, finalmente, para um relacionamento que caracteriza a própria prática discursiva; descobrimos, assim, não uma configuração ou uma forma, mas um conjunto de regras que são imanentes a uma prática e a definem em sua especificidade. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos.

Por conseguinte, conforme supracitado, Foucault nos esclarece sobre a multidimensionalidade existente no ato do discurso, o qual perpassa pelo sujeito falante, que articula uma linguagem específica para dar vazão ao discurso. Deste modo, tentando melhor compreender o sentido erigido sobre a prática discursiva, Foucault (2008, p. 54) continua a esclarecer, dizendo assim “Quando se descreve a formação dos objetos de um discurso, tenta-se identificar os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva e não se determina uma organização léxica nem as escansões de um campo semântico [...]. Em outra passagem Foucault (idem, pp. 68-69) enuncia sobre



a organização de um conjunto de regras, na prática do discurso, mesmo se ela não constitui um acontecimento tão fácil de ser situado quanto uma formulação ou uma descoberta, pode, no entanto, ser determinada no elemento da história; e, se ele é inesgotável, é no sentido de que o sistema, perfeitamente descritível, por ele constituído, dá conta de um jogo considerável de conceitos e de um número muito importante de transformações que afetam, ao mesmo tempo, esses conceitos e suas relações.

Compreende-se, portanto, que enunciar o discurso não está tão somente determinado a organização léxica e no campo semântico, mas também, o discurso perpassa pelos domínios, pelos campos associados, afim de ser materializado. Há uma complexidade na arqueologia do saber que se ocupa em identificar os relacionamentos necessários, ou seja, o ‘nó na rede,’ ou ainda, os ‘feixes de relações’ existentes ao que concernem ao discurso, propriamente dito.

5 Compreendendo a regularidade da prática enunciativa

A arqueologia do saber tem se ocupado de enunciar as nuances que circundam as especificidades de sua teoria, ou seja, as palavras e as coisas (FOUCAULT, 2002) não estão isoladas, restritas a si mesmas, há uma interconexão que perpassa pela lógica tricotômica, triádica, trialógica, formando assim, um sistema de formação, que para Foucault é entendido, como:

Um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou tal objeto, para que empregue tal ou tal enunciação, para que utilize tal ou tal conceito, para que organize tal ou tal estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (2008, pp. 82-83).

É dessa forma que se caracteriza o discurso, por meio da regularidade de uma prática discursiva, uma vez que, as relações permeiam a regra da prática discursiva. O evento da regularidade se caracteriza da seguinte forma, assinalada por Foucault (2008, p. 83):

Conjunto de regras para uma prática discursiva, o sistema de formação não é estranho ao tempo. Não reúne tudo que pode aparecer, através de uma série secular de enunciados, em um ponto inicial que seria, ao mesmo tempo, começo, origem, fundamento, sistema de axiomas, e a partir do qual as peripécias da história real só se desenrolariam de maneira inteiramente necessária.



Dessa forma, a regularidade da prática discursiva opera nas peripécias da história real. Parece que aqui se retoma a dimensão do signo – ser o que não é. Ao se compreender a regularidade da prática discursiva, importa entender o enunciado sobre a formação discursiva que se ocupa em definir como que se dá a regularidade da prática discursiva, pois Foucault (2008, p.83), assim explica que:

Uma formação discursiva não desempenha, pois, o papel de uma figura que para o tempo e o congela por décadas ou séculos: ela determina uma regularidade própria de processos temporais; coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos. Não se trata de uma forma intemporal, mas de um esquema de correspondência entre diversas séries temporais.

Nesta perspectiva, Foucault vem alertar para a dimensão temporal, a qual é permeada pelo tempo cronológico, histórico, psicológico e epistemológico. Acredita-se que a forma temporal erigida por Foucault faz jus a forma arqueológica, aquela que não se ocupa da linearidade temporal do acontecimento, haja vista que o saber escavado, sistematizado e selecionado permeia o conhecimento elaborado, o qual requer articulação entre uma série de acontecimentos, como o que já fora chamado de ‘campo associado’, ‘nó na rede’ e ‘feixes de relações’ tudo isso proporciona a dispersão do discurso usando-se do esquema de correspondências entre as diversas séries temporais não lineares que permeiam a unidade do discurso.

É importante destacar o que Foucault chama por dispersão, pois não é fragmentação, corte, divisão, partilha. Dispersão para Foucault (2008) são as discontinuidades no processo histórico dos acontecimentos, mas não só, também de acontecimentos cuja dispersão não é evolutiva, e, mais ainda, toda a dispersão das rupturas. Estas várias compreensões dadas por Foucault sobre o que é a dispersão, assim se conclui: “Trata-se de desenvolver uma dispersão que nunca se pode conduzir a um sistema único de diferenças, e que não se relaciona a eixos absolutos de referência; trata-se de operar um descentramento que não permite privilégio a nenhum centro” (FOUCAULT, 2008, p. 230), dito de outro modo, a dispersão são as



descontinuidades dos acontecimentos, que não se fixam na linearidade dos fatos históricos. Desse modo, é importante salientar que a dispersão integra os acontecimentos advindos do giro arqueológico, do campo associado e da implosão sígnica, não segue uma ordem cronológica, mas opera e permeia a ordem do discurso sobre um objeto e não outro, em suas regularidades e dispersões enunciativas, que nos diversos registros podem-se sistematizar o estudo arqueológico, por meio do procedimento do mapeamento, escavação, descrição e explicitação dos achados.

Desta feita, se lança outro olhar acerca do entendimento da arqueologia do saber, da formação discursiva, da prática discursiva e do discurso em si, no que concerne à função enunciativa. Assim vejamos a imagem 3, representando de outro modo, esta compreensão:

Imagem 3: Elementos da arqueologia do saber



Fonte: Produzida pela autora

Tal como essa imagem 3 sugere, a arqueologia do saber opera a partir destes ‘feixes de relações’, ‘nó na rede’, ou ainda rastros. Usa-se aqui a metáfora do rastro, pois este enuncia acerca de palavras e coisas existentes, tendo o sujeito, não como seu titular, mas



sendo este o responsável pela enunciação do objeto, o qual, a depender de um domínio específico, ou não, acionará o discurso/dispositivo elaborado a partir do campo associado, que advém da regularidade e da dispersão da prática discursiva, em função da formação discursiva, na qual o discurso passa a ser operado, a depender da centralidade dos vértices: significante, significado e referência, ganhando assim amplitude, isto é, um campo inesgotável de possibilidades – campo associado. A própria imagem 3 elucidada pela lente da autora que a teoria da análise do discurso só pode promover a construção do conhecimento quando se usar todos os elementos da arqueologia do saber. Então Foucault, por mais que tenha resistido em afirmar que seria uma teoria a arqueologia do saber, hoje na contemporaneidade o Grupo de Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA/UFPB), em seus vários escritos defende a tese da teoria da análise do discurso (TAD).

Ou seja, na arqueologia do saber não há nada fragmentado, solto, vazio, pois por meio dos achados, através das escavações se encontram e se estabelecem as relações entre os vértices com finalidades ímpares e pares, tal como pode ser visualizado na última imagem supracitada, quando a autora usa as setas para fechar o círculo. Dito nas palavras de Foucault (2008, p. 207) “é a questão de sua existência como prática discursiva e de seu funcionamento com outras práticas.” Significa que não se parte do nada, mas de algo já existente, evidenciando, portanto, as conexões, imbricações, implicações e as relações que estão estabelecidas nas funções enunciativas.

A teoria da análise do discurso (TAD) se caracteriza pelas palavras de Foucault (2008, p. 213) na história da arqueologia, são as práticas discursivas na medida em que dão lugar a um saber, e em que esse saber assume *status* e o papel de ciência. Em sendo assim, a arqueologia do saber, permeia a cientificidade de um saber que se torna conhecimento elaborado, pois ancora-se em um determinado domínio. Para Foucault (2008, p.213) “o que arqueologia tenta descrever não é a ciência em sua estrutura específica, mas o domínio, bem diferente, do saber”.



Assim Foucault (2008, p.218) continua justificando que “se ela se ocupa do saber em sua relação como as figuras epistemológicas e as ciências, pode, do mesmo modo, interrogar o saber em uma direção diferente e descrevê-lo em um outro feixe de relações”. Ao nosso modo de compreensão, fica nítido que há um apontamento da interdisciplinaridade, pois o saber pode ser operado tanto em um domínio quanto em outro, dependerá da finalidade do sujeito transcendental, o que de fato se propõe com tal saber e em qual domínio será ancorado? Isto é, qual é o vértice que acionará o domínio? A depender do vértice usado, o domínio elabora um saber como forma de conhecimento elaborado, ou seja, produz conhecimento.

Para melhor explicar, voltemos ao exemplo da fome – qual é o domínio que opera sobre a compreensão da fome, é o geográfico, o biológico, o social, o antropológico, o sociológico? A fome de quem faz greve de fome é a mesma fome de quem tem restrição alimentar? Desta feita, parece-me que este é o campo associado que permeia a compreensão da fome por vários territórios.

Tal como imagem 3 pretendeu enunciar a relação intrínseca que há nos vértices arqueológicos, permeando assim, a relação espiral entre os vértices dos vários domínios que podem ser acionados pelos sujeitos para a produção do conhecimento. Mediante a formação discursiva, assim como sua prática discursiva possam atravessar o campo associado e assim, finalmente dizer: é este saber que se pretende escavar, a partir do território arqueológico, o que me interessa é este objeto e não aquele outro. Claro, sem negar o que emerge do saber, porque outro sujeito pode vir a fazer escavações sobre outras especificidades deste mesmo saber, mas com centralidade em outro vértice arqueológico, ou seja, adentrar em outras camadas do território da linguagem arqueológica.

Por conseguinte, esta tarefa não é fácil, mas não é impossível, basta estudar as obras que explicam tudo o que foi dito aqui de outro modo, com outras potencialidades encontram-se os achados da arqueologia do saber como território a ser explorado, para que finalmente possa se colher o conhecimento elaborado.



5 Assinalações conclusivas

A presente reflexão possibilitou escavar o território arqueológico do saber enquanto a teoria da análise do discurso (TAD). O que se tentou legitimar foi a compreensão acerca das especificidades inerentes à arqueologia do saber, a análise do discurso e a função enunciativa, defendidos tanto pelo seu precursor Foucault, quanto pelos pesquisadores do GEPEJA/UFPB, que vêm há 10 anos produzindo conhecimentos, através da teoria da análise do discurso (TAD). Para tal, transitou-se pelos vértices arqueológicos: significado, significante e referência, caracterizando o signo – ser da linguagem, indicial, icônica e simbólica e a linguagem enquanto artefato cultural. Houve um desmembramento arqueológico do signo, da linguagem e do discurso. Também foi possível acionar a cultura, a experiência e a produção científica para permear a necessidade de compreender os enunciados acerca do discurso e de sua análise.

A função enunciativa perpassa pela complexidade, pois aciona a formação discursiva, a prática discursiva e o próprio discurso, que juntos, por si só denominam o ‘nó na rede’, os ‘feixes de relações’ e as ‘caixas de ferramentas’ para operar com um domínio e não com outro, e assim, produzir conhecimento por meio da teoria da análise do discurso (TAD).

Por conseguinte, o presente estudo assinala questões inerentes à teoria da análise do discurso (TAD) como procedimento metodológico da produção do conhecimento, operando com outras ferramentas analíticas que permeiam a sistematização do conhecimento, uma vez que numa perspectiva triádica se analisa, descreve e explicita o conhecimento erigido do saber escavado, a depender do interesse do pesquisador.

Em sendo assim, este exercício não se encerra por aqui, assim como o campo associado, fica em aberto para que seja explorado os territórios do saber e, por conseguinte, se produzir mais conhecimentos sobre a compreensão da teoria da análise do discurso (TAD) preconizada por Foucault e escavada, evidenciada, operada pelos pesquisados do coletivo do GEPEJA/UFPB, tendo como líder desta façanha o professor doutor Erenildo João Carlos que há 10 anos vem produzindo conhecimento, usando o procedimento metodológico da



arqueologia do saber, legitimando de fato que pode se constatar como uma teoria, tal como está evidenciado na tese do mais recente doutor da linha de educação popular denominada de “Elementos para uma Teoria Enunciativa da Educação Popular” de Marcos Alcântara defendida em maio de 2017.

Referências

ALCÂNTRA, Marcos Angilus Miranda de. **Elementos para uma Teoria Enunciativa da Educação Popular**. (Tese). Universidade Federal da Paraíba. P. 300. 2017.

ALCÂNTRA, Marcos Angilus Miranda de; CARLOS, Erenildo João. Análise arqueológica do discurso: uma alternativa de investigação na educação de jovens e adultos (EJA). *Intersecções (Jundiaí)*, v. 6, p. 59-73, 2013.

CARLOS, Erenildo João; ALCÂNTARA, Raquel Rocha Villar de. Freire e o uso pedagógico da imagem visual na Alfabetização de Jovens e Adultos. **Reflexão e Ação** (versão eletrônica), v. 25, p. 46-64, 2017.

CARLOS, Erenildo João. Sobre o uso pedagógico da imagem fílmica na escola. ETD: **EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL**, v. 2, p. 546-565, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

Sobre a autora

Maria Aparecida Vieira de Melo

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Formadora I do Curso de Licenciatura em Física pela Unidade Acadêmica da Educação a Distância da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Mediadora Presencial e a Distância pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: m_aparecida_v_melo@hotmail.com

Recebido em: 29/08/2018

Aceito para publicação em: 22/09/2018